

*Artigos Livres***O “Marxismo Weberiano”: uma crítica à luz da História Intelectual***The Weberian Marxism: A critique on light of the Intellectual History*Maria Júlia Parente Félix,¹ UFOP**Resumo**

Em 1955, Maurice Merleau-Ponty menciona pela primeira vez o termo “marxismo weberiano”, no livro “As aventuras da dialética”, sem dar maiores explicações acerca do que busca ao unir dois autores de pensamentos sociopolíticos tão distintos. Com o passar dos anos, surgirão debates substanciais acerca das implicações deste termo nas obras de autores de grande visibilidade da tradição marxista, sendo György Lukács o exemplo mais emblemático e lembrado, e a obra *História e consciência de classe* a pioneira neste assunto. No entanto, há quem diga que tais tentativas, tanto de conjugar Marx e Weber numa abordagem teórica quanto atribuir a Lukács um léxico weberiano que é observado com mais substância, até então, em apenas uma obra, se trata de um erro grave – como defende István Mészáros em escritos variados de sua trajetória intelectual. Desta forma, este artigo se dedica a contribuir brevemente ao debate quanto as noções que constituem o “marxismo weberiano”.

Palavras-chave: Marxismo Weberiano, Michael Löwy, György Lukács, A jaula de aço.

Abstract

In 1955, Maurice Merleau-Ponty mentions for the first time the term “weberian marxism”, in his book “Adventures of the Dialectic”, without further explanation on what constitutes such perspective. As the years pass, there will be substantial debates regarding the implications of this term on the works of renowned authors of Marxist tradition, György Lukács being the most emblematic and remarkable example, and the title “History and Class Consciousness” as a pioneer in the subject. However, it’s said that such attempts of conjugating Marx and Weber in a theoretical approach and assign Lukács a weberian lexicon that is observed with more substance, until then, in a single work, is a grave mistake – as defended by István Meszáros in various texts of his intellectual trajectory. In that way, this article aims to briefly contribute to the debate regarding the notions that constitute the “weberian marxism”.

Keywords: Weberian Marxism, Michael Löwy, György Lukács, La Cage d’acier.

Introdução: O que constitui o marxismo weberiano?

Podemos considerar como consenso na comunidade acadêmica que o termo “marxismo weberiano” foi mencionado pela primeira vez por Maurice Merleau-Ponty, na obra *As aventuras da dialética*, publicada originalmente em 1955, mais especificamente no fim do capítulo intitulado *A crise do entendimento*. No texto em questão, Merleau-Ponty dedica-se a esmiuçar conceitos chave do pensamento weberiano, em especial ao que foi

¹ Doutoranda em História Intelectual pela Universidade Federal de Ouro Preto. Agradeço à CAPES e a Universidade Federal de Ouro Preto pela bolsa de doutorado concedida, fundamental para a elaboração deste artigo. Contato: maria.felix@aluno.ufop.edu.br

construído na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, assim como noções acerca do compromisso historiográfico com a verdade e a liberdade. No decorrer das páginas, percebemos que Merleau-Ponty chega a evidenciar o caráter não revolucionário e liberal do pensamento de Weber, no entanto, também não abre mão da possibilidade de tentar conciliá-lo com a prática política revolucionária, inerente ao pensamento marxista. Aponta que tal prática, mais do que uma “filosofia dogmática”, refere-se, na verdade, muito mais ao poder de uma liderança de “animar” o aparelho político – tal como fizeram figuras como Lenin e Trotsky (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 28). É imperioso para que o leitor compreenda os 35 anos (anteriores à publicação do livro) de “aventuras da dialética”, onde o pensamento marxista esteve no centro do debate sociopolítico, ter uma específica noção de história que escape de uma filosofia “dogmática”, livre de paixões, nas palavras do filósofo. E, para tanto, Max Weber acaba sendo um autor incontornável, em virtude das suas próprias considerações acerca do ofício da história, com profundas raízes no pensamento de Kant (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 2). Seria então uma espécie de marxismo “sóbrio”, sério, aquele que levasse em consideração uma leitura e visão históricas que não se entregassem as paixões dogmáticas de uma causa. Ainda assim, em nenhum outro momento da obra, o autor chega a definir ou retomar noções acerca do que ou quem constituiria o marxismo weberiano.

Quisemos abrir este estudo com a tentativa de Weber porque, no momento em que os acontecimentos iam colocar a dialética marxista na ordem do dia, ela mostra sob quais condições uma dialética histórica é séria. Houve marxistas que o compreenderam, e foram os melhores. Houve um marxismo rigoroso e consequente que também era uma teoria da compreensão histórica, da *Vielseitigkeit*, da escolha criativa, e uma filosofia interrogativa da história. É somente a partir de Weber e desse marxismo weberiano que podemos compreender as aventuras da dialética de 35 anos para cá (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 29).

Para a professora Mariana Teixeira (2010), tal colocação – o marxismo weberiano - se posiciona como favorável às vistas de Merleau-Ponty, se tratando de um “marxismo que levou a sério as questões colocadas por Weber, que aceita refletir sobre si mesmo e sobre a história de maneira aberta e não dogmática”. É também favorável para Richard Wolin, que no artigo de 1985 *Merleau-Ponty e o nascimento do marxismo weberiano* (Tradução livre), desenvolve o conceito, brevemente comentado por Ponty como um “oxímoro conceitual que, sob um escrutínio próximo, se revela como uma descoberta intelectual da mais alta ordem” (WOLIN, 1985, p. 115).² É, portanto, de acordo com estas mesmas definições, um marxismo

² Tradução de Mariana Oliveira do Nascimento Teixeira.

refinado pela “dúvida weberiana”, que escapa de uma abordagem mecanicista – a saber, o ultrabolchevismo (que ele acusará Sartre de fazê-lo). Complementa ainda que este molde do marxismo weberiano é facilmente observável na obra *História e consciência de classe*.³ Veremos que nos capítulos seguintes, especialmente no capítulo 2 – *O Marxismo “Ocidental”* –, Merleau-Ponty investiga as influências de Weber sobre a escrita lukasciana, evidenciando uma certa fragilidade na constituição do marxismo, visto que, para ele, era o pensamento marxista necessitado de “uma teoria da consciência que dê conta das mistificações sem impedir sua participação na verdade” (PONTY, 2006, p. 47).

No entanto, István Meszáros, pensador húngaro e discípulo de Lukács, descarta qualquer possibilidade de contribuição positiva seja de *As aventuras da dialética*, seja do marxismo weberiano, evidenciando o caráter transitório da importante obra *História e consciência de classe* – que critica repetidas vezes e sob diferentes aspectos o seu próprio trabalho nas décadas seguintes - e o trabalho desonesto que é feito por Merleau-Ponty ao atribuir tais características (a racionalidade weberiana sendo a principal delas) a Lukács e, portanto, a metodologia marxista proposta pelo mesmo.

A influência de Max Weber em *História e consciência de classe* mostrou-se problemática, A teoria weberiana dos ‘tipos ideais’, nesse estágio do desenvolvimento de Lukács, não é de modo algum submetida a um escrutínio crítico, como testemunham várias das suas referências positivas à ‘tipologia’.

[...]

Assim, enquanto as últimas realizações de Lukács são rejeitadas com um apriorismo longe de justificável, negando-lhe até mesmo o direito elementar de assumir uma posição crítica em relação ao próprio trabalho à luz do seu desenvolvimento intelectual posterior, são precisamente os aspectos mais problemáticos de *História e consciência de classe* que continuam a ser aclamados como a principal inspiração do ‘marxismo ocidental’. Exemplo disso é a caracterização preconceituosa e a recusa sumária de Merleau-Ponty – em *As aventuras da dialética* de quase toda a obra de Lukács escrita após o início dos anos 20, sob o rótulo de ‘Marxismo de Pravda’ (MESZÁROS, 2011, p. 406).

Acerca da crítica que Lukács faz ao próprio trabalho, é bastante famosa a consideração que ele faz no ano de 1967, onde reconhece a importância de seu próprio trabalho para a história do marxismo do século XX, no entanto, não deixa de apontar-lhe suas falhas e, especialmente, na pluralidade de influências pelo autor absorvidas que conflitavam umas com as outras. Diz o próprio autor:

³ “O marxismo precisa de uma teoria da consciência que apreenda as mistificações sem lhe interditar a participação na verdade, e é a esta teoria que tendeu Lukács em seu livro de 1923” (PONTY *apud* PAÇO-CUNHA, 2011, p. 59).

É-me naturalmente impossível caracterizar com correção a minha tomada de posição a respeito do marxismo por volta de 1918, sem de novo descrever brevemente a sua pré-história. [...] Com efeito, o que então me interessava em Marx era o “sociólogo”, visto em grande parte através das lentes metodológicas de Simmel e Max Weber. Na época da Primeira Guerra Mundial, retomei o estudo de Marx, mas desta vez já animado por um interesse filosófico geral: encontrava-me sob a influência predominante, não já dos pensadores contemporâneos, mas de Hegel. É verdade que tal influência de Hegel, por seu turno, era muito ambígua. Por outro lado, Kierkegaard desempenhou um papel considerável na minha evolução de juventude; em Heidelberg, nos anos que imediatamente precederam a guerra, cheguei até a pretender consagrar um ensaio à sua crítica de Hegel. Por outro lado, as contradições inerentes às minhas concepções sociais e políticas levaram-me a estabelecer uma relação intelectual com o sindicalismo, particularmente com a filosofia de George Sorel. [...] A isto se veio somar, durante a guerra, o conhecimento das obras de Rosa Luxemburgo. De tudo isso, resultou na teoria uma amálgama internamente contraditória, que foi determinante para o meu pensamento na época da guerra e nos primeiros anos do pós-guerra. (LUKÁCS, 1974, p. 350).

Mas apesar das contradições apontadas por Lukács em seu escrito, como veremos, a obra continua em grande circulação e bastante comentada nos círculos de debate. No cenário acadêmico nacional, Michael Löwy é um importante comentador acerca do marxismo weberiano e sua constituição, em especial com a publicação em 2014 do livro *A jaula de aço*,⁴ onde, a partir de estudos desde a década de oitenta até então, defende que “o marxismo tem muito a ganhar incorporando certas contribuições intelectuais de Max Weber”, e busca ao longo de suas linhas fazer uma breve história das ideias acerca do conceito e de possíveis intelectuais que se utilizaram desta abordagem, dentre eles Ernst Bloch, Walter Benjamin, Erich Fromm, Lukács (que merece uma atenção especial, por ser considerado por ele e por outros como o “pioneiro” do marxismo weberiano), Gramsci, Mariátegui e outros autores da tradição marxista. Löwy faz ainda o importante apontamento de Florestan Fernandes como, talvez, o nome mais representativo desta perspectiva em solo brasileiro. Há uma quantidade razoável de autores nacionais que partilham das mesmas noções que, quando não explicitamente atreladas a um certo marxismo weberiano, Löwy aponta como intelectuais que fazem parte da tradição marxista, porém, utilizam-se do léxico metodológico comum a Max Weber (a exemplo de Fernando Henrique Cardoso, Maria Silvia de Carvalho Franco, Francisco Weffort e Sedi Hirano) (LÖWY, 2014, p. 9).

⁴ Para evitar uma possível confusão com o termo “Jaula de aço” cunhado por Talcott Parsons e atribuído a Weber, enfatizamos que toda vez que este termo for utilizado neste artigo será em referência ao livro *A jaula de aço* de Michael Löwy publicado 2015 no Brasil pela editora Boitempo.

A perspectiva apresentada por este trabalho é a de que tal ideia como “marxismo weberiano” é um termo que acrescenta muito pouco em matéria de prática política – tendo em vista que a práxis é um dos pilares da tradição marxista -, e tem como premissa que é potencialmente problemático considerar György Lukács como o primogênito desta tradição por conta de dois argumentos maiores, sendo o primeiro a convivência de Lukács com Max Weber e o grupo de estudos do mesmo em Heidelberg, e o segundo o uso de terminologias weberianas em *História e consciência de classe*. Examinaremos o caso de Lukács num próximo ponto.

Não é novidade que estamos falando de dois dos três pilares da sociologia ocidental, e que rios de tinta correram a respeito das aproximações e distanciamentos entre Karl Marx e Max Weber – mas até que ponto a apropriação do léxico weberiano justificaria, afinal, a sugestão de uma tradição que escapa à ortodoxia marxista? Veja bem: é necessário pontuar que *faz parte da metodologia marxista* um certo pluralismo de fontes, a saber, a utilização de outras tradições filosóficas e científicas para justificar, analisar ou superar paradigmas que se apresentam diante do pesquisador – a própria trajetória de Karl Marx aponta para estas características. Tomemos como exemplo a sua obra mais emblemática e de maior escopo teórico: Em *O Capital*, para elaborar o princípio da mais-valia, dedica-se a esmiuçar, virar e revirar, a economia política britânica, e Marx dialoga em muitos momentos com David Ricardo e Adam Smith,⁵ utilizando inclusive terminologias próprias dos dois autores – faríamos dele, nesta lógica, um ricardiano ou liberal?

Pode-se argumentar que os usos de Marx foram para fins críticos – o que não é identificado com precisão no *História e consciência de classe* de Lukács em direção a Max Weber. Pode-se comentar que, inclusive, a escolha do filósofo húngaro em utilizar-se da tradição liberal alemã em concomitância com o materialismo marxiano trata-se, portanto, de um desvio ou mesmo “heterodoxia”. Mas mesmo Lukács logo no início do livro faz uma ressalva acerca deste debate, sobre o que é ou não supostamente inerente ao materialismo histórico, ou ortodoxo. Sobre o que constitui o marxismo ortodoxo, diz Lukács:

Passou a ser de bom tom científico ridicularizar toda a profissão de fé de marxismo ortodoxo. Dado o desacordo que parece reinar no campo socialista sobre a questão de saber quais são as teses que constituem a quintessência do

⁵ “Ao aceitar a teoria de Ricardo sobre o valor-trabalho e a distribuição do produto social, Marx não perdeu de vista a necessidade da crítica da economia política, embora não mais sob o enfoque estrito de Engels no seu ‘esboço’ precursor. Ricardo dera à teoria econômica a elaboração mais avançada nos limites do pensamento burguês. Os ricardianos de esquerda ultrapassaram tais limites, porém não avançaram na solução dos impasses teóricos salientados precisamente pela interpretação socialista aplicada à obra do mestre clássico.” (GORENDER, 2017, p. 24).

marxismo e, por consequência, as que temos o direito de contestar, ou seja, de rejeitar, sem por isso deixarmos de reivindicar o título de marxistas ortodoxos. [...] O marxismo ortodoxo não significa, pois, uma adesão sem crítica aos resultados da pesquisa de Marx, não significa uma ‘fé’ numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro ‘sagrado’. A ortodoxia em matéria de marxismo refere-se, pelo contrário, e exclusivamente, ao método. Implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético, se encontrou o método de investigação justo, de que este método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado, aprofundado no sentido dos seus fundadores; mas que todas as tentativas para superar ou melhorar levaram apenas à sua vulgarização, a fazer dele um ecletismo – e tinham necessariamente que levar aí (LUKÁCS, 1974).

De acordo com o próprio Lukács, não foge da assim chamada ortodoxia marxista utilizar-se de pensamentos distintos ao de Marx, muito menos de discordar do mesmo – mas trata-se de compromisso com o método. O marxismo não é, nem será, uma tradição de “apóstolos” d’*O Capital*, mas requer como pressuposto que se reconheça o caráter científico e dialético do materialismo histórico desenvolvido em Marx e Engels. É uma premissa falsa, inclusive, a noção de que a tradição marxista deve ser fechada em si mesma – afinal, o próprio estudioso que nomeia a tradição se utilizou de postulados os quais discordava para escrever sua tese principal. A contribuição de Max Weber pode ser proveitosa para aqueles que concordam com ela – afinal, ele também norteia boa parte da sociologia ocidental. Mas bastariam estas contribuições conceituais para configurar uma tradição “inovadora” como sugere o termo “marxismo weberiano”? Existe algum poder transformador a partir da tradição “marxista weberiana”, de modo que o pensamento marxista seja duramente transformado em direção a um pensamento mais refinado?

Das aproximações entre Weber e Marx

Em Löwy (2014), as aproximações existentes entre os dois autores servem como pilares que legitimam o marxismo weberiano, e é verdade que tais conformidades existem, ainda que, como o próprio autor comenta, existem muitos pontos, principalmente de cunho político, diametralmente opostos entre os dois. É importante ter em mente que Marx era um revolucionário em seu próprio tempo, sofrendo as consequências por tal, enquanto que Weber era um “nacionalista imperial alemão” (LÖWY, 2014, p. 17). Ainda para Löwy, é possível “separar” as desavenças entre os dois autores e focar na crítica dos mesmos, sob diferentes pontos de partida, ao sistema capitalista. No entanto, é importante perguntar: quais as implicações de tal adaptação?

Marx e Weber compartilham uma visão do capitalismo moderno como universo em que ‘os indivíduos são dirigidos por abstrações’ (Marx), em que relações impessoais e ‘coisificadas’ substituem as relações de dependência e em que a acumulação do capital se torna um fim em si, amplamente irracional. Além disso, ambos estão de acordo quando: a) definem as classes sociais por posições de poder sobre o mercado e por uma situação de propriedade; b) consideram o estado racional/burocrático uma condição necessária do capitalismo – e vice-versa; c) afirmam que o monopólio da violência é a essência do poder do Estado (LÖWY, 2014, p. 18).

Assumindo que esta colocação é correta em sua integralidade, mesmo assim, é sempre conveniente lembrar: apesar dos diagnósticos parecidos, Marx e Weber seguem caminhos completamente opostos no sentido de mitigar ou mudar a realidade que se impõe. Marx é enfático: a classe burguesa não somente criou o seu coveiro, a classe trabalhadora, como esta última pode, e deve, se unir em todo o mundo. Em outras palavras, apenas a luta de uma classe contra a outra é capaz de mudar a realidade imposta. Enquanto isso, Weber não somente vai condenar experiências que vislumbrem tal tentativa de mudança da realidade (é o caso dos seus escritos sobre a revolução de 1917 da Rússia), como apresentar uma postura resignada quanto a tal possibilidade de mudança a partir da organização das massas. É o capitalismo, para ele, inevitável. Mas ainda assim, o sociólogo de Heidelberg foi responsável por enfatizar uma característica importante da dinâmica capitalista que se construiu a partir da ética protestante, sem, necessariamente, colocar tal hipótese como a única possível. É, aliás, um erro muito comum entre autores das mais diversas tradições científicas, afirmar que Weber decididamente encarava a ascese protestante como única genealogia para a “razão” capitalista.

O termo “marxismo weberiano” sugere uma melhoria por parte do pensamento de Weber ao método marxista, é verdade, mas que tipo de melhoria pode oferecer o pensamento de Max Weber em direção a Marx? É certo que o sociólogo de Heidelberg não condenava gratuitamente os escritos marxianos – desenvolvendo uma argumentação própria, mas também é verdade que, a seu ver, a disputa inerente ao socialismo científico era *ineficaz*. Não há, inclusive, registros de uma postura de Weber decididamente preocupada em refinar o pensamento marxista, no sentido de contribuir em teoria e método de uma forma melhor acabada. Ele dedica, sim, a apontar as suas falhas e não há nada de novo dentro da atividade intelectual neste feito, autores discordam uns dos outros. No entanto, é importante evidenciar, por exemplo, como outras tradições ramificadas do marxismo possuem uma intenção muito mais clara em contribuir à tradição marxista, é o caso do Marxismo-Leninismo. Convém aqui

conversamos um pouco a respeito, no interesse de colocar alguns dos argumentos que vimos em perspectiva.

Marxismo-Leninismo: uma pequena observação

Não interessa para os fins deste trabalho adentrar na querela que há entre trotskismo, stalinismo e/ou leninismo, por isso, concentro nossa análise no que Florestan Fernandes (considerado marxista weberiano por Löwy) e outros autores que se declaravam marxistas-leninistas tinham a dizer sobre esta tradição. Apesar das inúmeras perspectivas possíveis para a nomenclatura, dentro e fora da União Soviética (no que se refere a outras lideranças históricas, Fidel Castro, Che Guevara e Ho Chi Mihn se consideram Marxista-Leninistas em suas próprias e distintas realidades; dentro da comunidade intelectual brasileira, temos, além de Fernandes, Vânia Bambirra), pode-se afirmar que tais noções encontram-se em alguns pontos principais do que caracteriza o Marxismo-Leninismo: sendo elas 1) O reconhecimento de Lenin, seu trabalho intelectual e político, como um dos pilares para a construção do marxismo revolucionário; 2) A importância da organização política pensada e aplicada por ele, sendo o “centralismo democrático” uma de suas características mais pungentes; 3) A centralidade da luta anti-imperialista e anticolonial; 4) Grande importância ao trabalho de agitação e propaganda, dentro e fora do partido; dentre outros aspectos. Complementamos com Fernandes:

Sem subestimar-se a contribuição teórica de Lênin [...], é no terreno da prática que se acha o eixo da transmutação leninista do marxismo. Isto não quer dizer que esta prática estivesse desligada da teoria – pois nunca esteve ou poderia estar, no pensamento dialético-materialista – nem tampouco que Marx, Engels e seus seguidores tivessem negligenciado, na teoria e na ação, as várias dimensões da prática (especialmente a política). Mas significa, isso sim, que Lênin se impôs como tarefa de sua vida a adequação instrumental, institucional e política do marxismo à concretização da revolução proletária. O marxismo, depois de Lênin, não é mais a mesma coisa, porque ele incorporou um “modelo” de como passar da ditadura burguesa à ditadura do proletariado. (FERNANDES, 1978).

Observemos atentamente que o Marxismo-Leninismo tem determinações de cunho político bastante evidente – e suas ramificações podem ser observadas, por exemplo, no programa político da União Soviética pós-Revolução Russa. Mesmo assim, a argumentação de Löwy ainda se sustenta: Marx e Weber tinham críticas ao sistema capitalista que se

aproximavam pelo menos um pouco, inclusive, a própria desconfiança do sociólogo de Heidelberg quanto a bismarsckismo exacerbado que testemunhou em vida.⁶

Dito isso, o que, além das características óbvias quanto aos rumos do combate ao Capital, diferenciaria tais tradições? O Marxismo-leninismo tem e teve implicações práticas, enquanto que o marxismo weberiano está restrito muitas vezes a universidade, tratando-se de um fenômeno puramente acadêmico. Percebemos que há uma preocupação muito maior de cunho metodológico do que político: Michael Löwy, mesmo, está muito mais interessado, na *A jaula de aço* (2014), em identificar estes ou aqueles autores que receberam, ainda que suavemente, a influência de Max Weber. No entanto, não há qualquer estudo, nem nele e nem em nenhum outro pesquisador, até o momento, de alguma implicação prática, a saber, *política*, de um projeto – seja ele qual de qual natureza for – de cunho marxista-weberiano.

György Lukács, como falamos anteriormente, foi considerado por mais de um autor como o pioneiro dos marxistas weberianos – ainda que tenha por muito tempo se dedicado a escrita e construção do marxismo-leninismo. Talvez seja o caso mais emblemático, em virtude de ter convivido com o sociólogo e ter sido bastante influenciado em sua juventude pela tipologia elaborada por Weber. Qual a discussão a respeito e como ela acontece?

Lukács: réu confesso de um marxismo heterodoxo?⁷

Em *A jaula de aço*, Michael Löwy apresenta brevemente duas perspectivas a respeito da presença do weberianismo em Lukács, 1) a abordagem de Kurt Beiersdörfer, que consideram Lukács ainda como um “discípulo de Weber”; 2) a abordagem de Guido Oldrini, onde aponta uma ruptura filosófica entre os dois intelectuais e não há nada além de simples analogias formais entre eles. Nas vistas de Löwy, tais considerações são “unilaterais” – não se trataria, portanto, de posicioná-lo de um lado ou de outro deste espectro. No entanto, Löwy parece sugerir em seu texto que houve um caminho de fortes aproximações ao pensamento de Weber por parte de Lukács em seu livro mais conhecido – *História e consciência de classe* – mas que, com o tempo, tomou distância a medida que se tornava mais “ortodoxo” – não fica

⁶ “Em torno do bismarsckismo, Weber vê nascer uma literatura popular filisteia, fundada na adoração do herói. Muito bem, o culto cesarista a Bismarck, aos olhos de Weber tinha alto custo social. O chanceler de Ferro legara uma Alemanha sem qualquer cultura política e sem qualquer vontade política própria, governada por burocratas. [...] Weber critica o Estado corporativo: corporações significam basicamente associações de mercadores, artesãos de determinada cidade que regulam os pormenores de sua profissão, horas de trabalho, qualidade da produção, repressão às fraudes. Tinham por finalidade a eliminação da concorrência no interior de cada cidade e manter o monopólio da minoria de mestres sobre o mercado urbano” (TRAGTENBERG, 1977).

⁷ Entender o subtítulo como um mero jogo de palavras que faz referência ao que Lukács estabelece como “marxismo ortodoxo” no *História e consciência de classe*, sem possuir ligação direta com o debate a do que constitui o marxismo heterodoxo, a exemplo da conceituação apresentada por Maurício Tragtenberg em “Marxismo Heterodoxo” (1981).

claro a qual sentido de “ortodoxia” ele se refere (se é a ortodoxia comentada pelo próprio Lukács em *História e consciência de classe* ou qualquer outra levada em consideração por Löwy). Ele ainda cita uma frase incompleta de uma entrevista que o Lukács concedeu a Wolfgang Abendroth, uma das últimas antes de falecer, sugerindo um acerto de contas do intelectual com seu antigo mestre.

Embora não seja um ‘discípulo de Weber’, o Lukács de 1923 refere-se ainda assim, e de maneira bastante substancial, aos argumentos e aos conceitos weberianos, reinterpretando-os a sua maneira. Podemos considerar que o capítulo central de *História e consciência de classe*, baseado na análise da reificação, é uma síntese poderosa e original da teoria do fetichismo da mercadoria de Marx e da teoria da racionalização de Weber. Fudindo a categoria weberiana da racionalidade formal [...] com as categorias marxianas de trabalho abstrato e valor de troca, Lukács reformulou a temática do sociólogo alemão na linguagem teórica marxista. (LÖWY, 2014, p. 115).

Usaremos como contraponto desta influência de Weber em *História e Consciência de Classe* que Löwy defende, os argumentos apresentados pelo sociólogo Ricardo Musse, que, em seu artigo *Reificação em História e consciência de classe: de Max Weber a Karl Marx* (MUSSE, 2015) apresenta três considerações mais gerais: 1) Györg Lukács não teve acesso a todas obras de Marx e Engels⁸ (o que naturalmente traria prejuízos no sentido de uma interpretação mais abrangente do corpo teórico marxista), o que fez com que ele se utilizasse do que possuía na época: seu arcabouço intelectual denso a respeito da escola sociológica alemã (MUSSE, 2015, p. 2); 2) O uso de Lukács do racionalismo weberiano no sentido de fundi-lo à teoria da reificação de Marx trata-se, na verdade, de uma leitura desatenta de *História e consciência de classe*, visto que o autor húngaro se utiliza do racionalismo como um *subproduto* da reificação, e não algo a ser combinado ou simultâneo à reificação (MUSSE, 2015, p. 3); 3) A formação pré-*História e consciência de classe* certamente é importante para entender alguns pormenores desta obra, porém, de maneira geral, “a dissecação do percurso intelectual do jovem Lukács pouco esclarece sobre as teses de sua primeira publicação marxista, alicerçadas na mudança de sua situação da condição de crítico cultural para a de militante político e, em princípio, orientadas por uma decidida tomada de posição no interior dessa linhagem.” (MUSSE, 2013, p. 296).

Um parênteses: A hipótese do “weberomarxismo”⁹ como um todo, aliás, é vista com desconfiança não só pelo olhar mais à esquerda do debate. Como comenta Carlos Eduardo

⁸ A exemplo de *A Ideologia Alemã*, publicado em 1932 e *Grundrisse*, em 1941.

⁹ Outro nome possível, de acordo com LÖWY (2015), para o marxismo-weberiano.

Sell (estudioso da obra de Weber e não inserido na tradição marxiana), mais brevemente porém direto, numa entrevista publicada em 2020:

Paradoxalmente, o Brasil ainda se encontra preso, em parte, a leitura comparada entre Weber e Marx, temática que já foi dominante nos anos 70. Sinal disso é a ampla repercussão que encontrou no Brasil a ideia de um “marxismo weberiano” que deixa em segundo plano o liberalismo e o iluminismo (*Aufklärung*) de Weber para jogá-lo nos braços de uma suposta crítica romântica ao capitalismo.

Esta tendência sempre anda de braços dados com o exagero dos vínculos que ligam Weber a Nietzsche, como se o fundador da sociologia compreensiva fosse algum tipo de *nihilista* resignado. O fato é que o “enxerto” (para falar como Norberto Bobbio) de elementos weberianos no marxismo não pode nos levar ao equívoco de ignorar as tensões irreconciliáveis entre os dois pensadores ou mesmo a contrabandear Weber para um horizonte ideológico que não era o seu. Se pode existir um “marxismo weberiano” eu não sei (penso que não), mas o fato é que “weberianismo marxista” é um contra-senso. Weber é da direita liberal. Neste ponto, aliás, José Guilherme Merquior comete um grande equívoco ao interpretar Weber como um “semi-liberal”. Basta ler o trabalho de um marxista perspicaz como Maurício Tragtenberg (*Burocracia e ideologia*) para evitar tais confusões (BOLDA, 2020).

De um ponto de vista mais minucioso, retornando a questão de Weber & Lukács, há um artigo bastante esclarecedor de Elcemir Paço-Cunha: *(Auto)Crítica do marxismo weberiano: de Lukács à Meszáros* (2011), nele, Paço-Cunha nos demonstra também que, apesar da afirmação do próprio Lukács reconhecer a influência do sociólogo de Heidelberg nos seus estudos pré-marxistas (como vimos anteriormente), ela por si só não é o suficiente para se atestar se esta influência se mantém nos escritos posteriores, a saber, na redação do livro aqui referido,¹⁰ visto que ele já acusava uma influência também de longa data a respeito de outros nomes. É possível identificar a presença de uma densa carga de leitura dos escritos de Weber, mas não está claro como esta influência se relaciona com a tentativa de Lukács – que o próprio filósofo húngaro criticará mais tarde – de renovar uma possível tradição hegeliana do marxismo. Na visão de Paço-Cunha, não se trata de uma weberianização de Marx por parte de Lukács, mas o movimento contrário.

Em outros termos, os elementos weberianos é que foram trazidos para uma matriz marxiana e não o contrário. Disso resulta a necessidade de *suspender* ou, pelo menos, abrandar a ideia de uma ‘interpretação weberiana de Lukács sobre algumas ideias seminais de Marx em História e consciência de classe’. Pode-se, assim, questionar a entrada desses elementos, a recepção de Lukács em relação à sociologia burguesa de Max Weber, mas não afirmar

¹⁰ “O reconhecimento da influência de Weber na leitura de Marx é atinente a um período pré-redação e de corte metodológico, o que deixa a dúvida de permanecer tal influência com a mesmíssima natureza durante a redação do livro em questão.” (PAÇO-CUNHA, 2011, p. 59).

peremptoriamente a ‘weberianização de Marx’ ou uma ‘interpretação weberiana de Marx’ naquele livro tão importante para a história do marxismo no século XX, não obstante suas próprias limitações.

[...]

Resta apenas a especulação acerca da coincidência de absorção de elementos weberianos num estudo que, não por acaso, tenta, entre outras coisas, manter o *método* como aspecto decisivo de uma consideração séria da dialética materialista, por vezes posta em dúvida no material sobre a ética protestante e o ‘espírito do capitalismo’ escrito, principalmente, entre 1904 e 1905 por Max Weber; material que, na verdade, parece rivalizar mais com uma caricatura de Marx do que com um entendimento minimamente adequado. Por certo, esta presença de Weber em *História e consciência de classe* parece ser mais ambígua do que os estudos puderam mostrar até o presente momento. (PAÇO-CUNHA, 2011, p. 60).

Mészáros, filósofo húngaro e discípulo de Lukács, é bastante enfático em *Para além do capital* (2011) ao pontuar a importância de *História e consciência de classe* enquanto obra de transição cujo autor, por motivos pouco investigados, é destituído de um direito de criticar e superar a própria obra. Além disso, aponta, em Lukács, a distorção da própria consciência de classe marxiana num viés idealista em detrimento de manifestações reais desta mesma consciência. Ainda assim, ao longo das décadas, aponta Mészáros, Lukács terá o exaustivo trabalho de ver e rever os princípios metodológicos que escreveu – e nem mesmo as próprias críticas o livrarão de considerações pouco esclarecedoras às próprias obras (MESZÁROS, 2002, p. 406). Em outro lugar, no livro *Filosofia, ideologia e ciência social* (2008), Mészáros tenta identificar a que se deve estas tentativas constantes de aproximar Marx e Weber, indo mais afundo para além das contribuições de Lukács neste debate, concluindo que não deveria nem ser ao menos visto como possibilidade tal interação. Lá, o filósofo expõe como o caráter ideológico de tais colocações, quando confrontadas expõem os problemas de ordem metodológica no pensamento weberiano (MESZÁROS, 2008; PAÇO-CUNHA, 2011).

Mészáros considera que Weber, ao elaborar o “tipo ideal” e buscar por uma ciência “axiologicamente neutra” está, na verdade, construindo uma arma ideológica que “torna-o capaz de descartar-se do adversário ideológico sem mesmo lhe dar ouvidos, e em num terreno da própria escolha de Weber” (MESZÁROS, 2008, p. 25). O “tipo ideal”, identificado por ele como *metateoria*, “é uma dimensão integrante de toda a teoria e não um setor privilegiado, regido por princípios radicalmente diferentes”. O que torna o pensamento weberiano tão “sedutor”, então? No sentido de sua aparente fácil aplicabilidade em nome de uma suposta racionalização e neutralidade?

Disse Mészáros que “a grande popularidade do conceito de Weber de ‘racionalização’ e ‘tipos ideais’ é incompreensível sem estar inserida nesta tendência ideologicamente motivada”, que “facilita aos filósofos

escaparem das contradições inerentes do quadro conceitual do capital”. Ou, dito de outra forma ainda mais contundente, “Em última análise, a própria noção weberiana de ‘racionalidade formal’ é um meio conveniente de racionalizar e legitimar a irracionalidade substantiva do capital”. (MESZÁROS *apud* PAÇO-CUNHA, 2011, p. 62).

Mészáros, portanto, apresenta em obras distintas, dois pontos principais acerca da querela do marxismo weberiano e das tentativas de aproximação entre Marx e Weber, sendo elas: 1) Qualquer tentativa de ajuntamento/conciliação entre Marx e Weber é um contrassenso, já que Weber estabelece condições em seus escritos que são completamente incompatíveis com os princípios revolucionários do marxismo. É o capitalismo, em Weber, dotado de “racionalização” e “burocracia”, portanto, inescapável; 2) É evidente que Lukács tenta, em sua obra de transição, utilizar-se do léxico weberiano, como as categorias de “racionalidade” e “especialização”, de tal sorte que *História e consciência de classe* é impactado negativamente, sofrendo distorções idealistas. No entanto, a trajetória intelectual do filósofo húngaro posteriormente ao livro de 1923 confere-lhe contribuições muito mais felizes e bem acabadas na visão de Mészáros acerca do próprio método marxista, a exemplo de *A Destruição da Razão* (1954) e *Para uma ontologia do Ser Social* (1969) – que são completamente ignoradas por Merleau-Ponty.

Mas e quanto ao “acerto de contas” que Löwy sugere, mesmo depois das obras de Lukács tão obstinadas em criticar seu mestre? Como foi dito anteriormente, há um detalhe que pode passar despercebido durante a leitura despreziosa de *A jaula de aço* – e, apesar de não servir de argumento direto quanto ao conteúdo de *História e consciência de classe*, certamente demonstra o trato das citações de Löwy na tentativa de atribuir uma reaproximação de Lukács com relação a Weber no fim de sua vida. No livro, cita Löwy que Lukács reconhece uma dívida intelectual que tinha com Weber: “Hoje, não lamento ter tomado minhas primeiras lições de ciências sociais com Simmel e Max Weber, e não com Kautsky. Essa foi uma circunstância favorável para meu desenvolvimento.” (LUKÁCS *apud* LÖWY, 2015, p. 115). Esta frase está incompleta e destacada de seu contexto original. No livro *Conversando com Lukács* – de onde Löwy tira a declaração acima, o filósofo Húngaro conversa com Abendroth, dentre assuntos variados, acerca da criação e consolidação de um *brain trust* como uma tarefa bastante desafiadora para os intelectuais de esquerda dali em diante, que devem, também, ir para além do ambiente universitário, academicista. Neste momento, Lukács identifica a Escola de Frankfurt como um “tipo interessante de academicismo”, uma espécie de “academicismo de oposição”. No que Abendroth responde, dando seguimento ao trecho que aparece n’*A jaula de aço*:

ABENDROTH – Não gostaria de ser mal interpretado; penso que talvez para os jovens intelectuais da República Federal da Alemanha, apesar de toda a sua contraditoriedade...

LUKÁCS – Contraditoriedade no sentido de que aqui se pode aprender alguma coisa, mas se se quer realmente aprender é preciso romper com a escola de Frankfurt.

ABENDROTH – Sim. Entretanto, no início dos estudos universitários, com muita frequência, se vai a Frankfurt. Para toda uma geração de estudantes socialistas, Frankfurt foi uma etapa de transição, uma das mais importantes.

LUKÁCS – É certo e não vou negá-lo; além do mais, *hoje não me desagrada ter aprendido os primeiros elementos das ciências sociais com Simmel e Max Weber e não com Kautsky. E não sei se hoje não se poderia dizer que para minha evolução essa foi uma circunstância favorável.* (HOLZ, 2014, p. 117, grifo nosso).¹¹

Percebemos, primeiro, que a colocação de Lukács citada, em parte, por Löwy, diz respeito a necessidade de superação da Escola de Frankfurt do ponto de vista de crescimento intelectual – comparando com a sua própria trajetória, onde apesar de não ter realizado seus estudos de juventude com Kautsky, e sim Weber e Simmel, não o lamenta e, ainda assim, tem ciência que precisou superá-los. Reafirma também a necessidade de superação da Escola de Frankfurt para a geração de intelectuais que se forma no momento da entrevista. Como vemos adiante:

ABENDROTH – Sim, mas não devemos esquecer que para o senhor foi decisivo o último Kautsky. E o primeiro Kautsky tinha uma posição ainda mais vigorosa.

LUKÁCS – Está certo, não tenho qualquer intenção de fazer de minha biografia uma lei geral de desenvolvimento. Quero apenas confirmar o que o senhor disse, isto é, *que os estudantes passam os primeiros anos em Frankfurt e depois devem afastar-se dela* (HOLZ, 2014, p. 117, grifo nosso).

Talvez seja um tanto de preciosismo da nossa parte, mas a qual “reconhecimento de dívida” para com Weber Lukács reconhece em tais colocações? É evidente que não estava diretamente em pauta a contribuição do sociólogo de Heidelberg aos estudos de juventude de Lukács, mas sim as contribuições que, apesar de fortuitas a ponto de não mais incomodá-lo a respeito de “como poderia ter sido com Kautsky”, foram superadas – tal como deve ser a Escola de Frankfurt para os novos intelectuais.

Lukács morreu antes de que pudesse acompanhar outros debates a respeito do referido teor marxista weberiano de sua obra, mas é verdade que muitos, como vimos aqui, se

¹¹ Apesar de não possuir o domínio do alemão, língua original em que foi publicado o livro, foram consultadas edições em espanhol, inglês e italiano, e todas apresentam uma tradução semelhante a que é apresentada aqui em português. São elas: (HOLZ, 1968); (HOLZ, 1971); (HOLZ, 1975).

dedicaram a fazê-lo. Percebe-se, em Löwy, uma identificação do filósofo húngaro como uma espécie de “marxista weberiano, apesar de tudo”, sendo este tudo, justamente, as críticas e a distância metodológica que manteve de Weber nos anos subsequentes a 1923. Mészáros, por outro lado, apresenta-se bastante enfático em afastar qualquer ideia minimamente favorável a tal tradição, defendendo a ortodoxia de Lukács e seu compromisso com o aperfeiçoamento de suas contribuições ao pensamento marxista ao longo dos anos. E mesmo com tudo aqui apresentado, este “marxismo ocidental de alto nível”, como propõe Merleau-Ponty, não apresenta qualquer tipo de desdobramento prático na vida pública – pelo menos não até onde conseguimos investigar, limitando-se ao debate academicista que, aí sim, parece portar-se como um “receptáculo duro como aço” a encarcerar tal tradição dentro da universidade. O que nos leva a uma observação importante: quais as implicações práticas de um fenômeno acadêmico como este que observamos?

Conclusão: Marxismo-weberiano enquanto um fenômeno acadêmico

Diz Max Weber na conferência “Ciência como Vocação”:

Detenhamo-nos agora nas disciplinas que me são mais afins, isto é, na sociologia, na história, na economia, na teoria do Estado e nessa espécie de filosofia da cultura que se propõe como tarefa a sua interpretação. Diz-se, e subscrevo, que a política não tem cabimento nos auditórios universitários. [...] Se, numa assembleia popular, se fala de democracia, não se faz então nenhum segredo da posição pessoal: pois tomar partido de uma forma clara é aí o maldito dever e a obrigação. [...] Em contrapartida, utilizar assim a palavra numa aula ou numa conferência seria um sacrilégio. Quando então se fala de “democracia”, haverá que apresentar as suas distintas formas, analisar o modo do seu funcionamento, indicar que consequências tem, para as condições de vida, cada uma delas, contrapô-las às formas não democráticas de ordenamento político e tentar que, na medida do possível, o ouvinte seja capaz de poder tomar posição a tal respeito, a partir dos seus postremos ideais. (WEBER, 2005).

É evidente para Max Weber que a discussão política não cabe ao meio acadêmico – deve-se ater à preocupação da circulação de ciência e informações que, por fim, contribuirão na formação do estudante que por ali circula e da vida universitária participa – tal particularidade será, inclusive, elogiada por Merleau-Ponty.¹² Talvez, desconsiderando todo o viés político da tradição marxiana, seja possível que o marxismo weberiano se consolide

¹² “Ele [Weber], que afasta escrupulosamente de seu ensino tudo o que possa a servir a uma causa ou pôr sua pessoa em evidência, é a favor do engajamento político dos professores, desde que seja fora da cátedra, em ensaios oferecidos à discussão, em reuniões públicas em que o adversário possa responder, e que o solilóquio acadêmico não sirva fraudulentamente a uma propaganda... Assim, ele segura as duas pontas da corrente. Assim, faz caminharem juntas a verdade e a decisão, o conhecimento e a luta. Assim, faz com que a liberdade não seja jamais o ponto de honra de uma repressão” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 27).

como uma metodologia possível dentro das universidades – confirmando-se, por fim, numa espécie de seminário que deve se preocupar em analisar, apenas, “as formas” do capitalismo que se manifestam na realidade material, sem, no entanto, almejar pela mudança da mesma, dado, principalmente, as aproximações entre Weber e Marx no que se refere à crítica ao sistema capitalista e a busca quase incessante da conceituação do mesmo seguindo os moldes considerados cientificamente plausíveis para cada um. Afinal, nenhum dos dois autores se fecham nas suas respectivas hipóteses – trata-se, novamente, de um conjunto de abstrações que são indispensáveis caso queira-se dar prosseguimento à pesquisa. Em *A Ética Protestante e o ‘Espírito do Capitalismo’*, Weber busca desenvolver uma elucidação provisória de um ‘ethos capitalista’ que se relaciona estreitamente com representações religiosas (WEBER, 2020, p. 43) tomando como ponto de partida sentenças apresentadas por Benjamin Franklin; d’outro lado, Karl Marx, em *O Capital*, mergulha numa densa investigação a respeito do funcionamento do capitalismo que se desenvolve na Inglaterra começando pelo seu “átomo indivisível”, a mercadoria. É uma análise de todo um conjunto social que implica em explicar de modo totalizante o que constitui o humano naquele momento. Uma tentativa de abarcar os elementos mais gerais da sociedade, sem esgotá-los, no entanto, – tal façanha é facilmente observável em ambos.

No entanto, como vimos ao longo deste artigo, caminhos distintos são trilhados e percepções políticas permeiam estas mesmas investigações – se não cabe, para Weber, àquele que tem a ‘ciência como vocação’ a tarefa de promover a discussão política, Marx dedicou toda a sua vida a apontar como essa separação entre ciência e política é, não somente impossível, mas parte de uma engrenagem ideológica elaborada e difundida por uma classe específica. Concordamos com Mészáros que, neste ponto – para além do desfecho do sistema capitalista – Marx e Weber são inconciliáveis. Por isso, consideramos que talvez o marxismo weberiano faça sentido somente das portas da universidade para dentro – a saber, um marxismo destituído de sua “radicalidade” – sob o “risco” de configurar-se como de um suposto ultrabolchevismo - e partindo de princípios racionalizantes, no sentido weberiano do termo. Pois, qualquer projeto que se considere minimamente marxista tem como imprescindível a práxis política e a organização partidária dentro e fora do ambiente universitário. Quando se discute o capitalismo sem ter como horizonte a destruição do mesmo, trata-se, em última análise, de uma abordagem reformista.

Michael Löwy, em *A jaula de aço*, tenta imputar em Weber o poder de inspirar “utopias revolucionárias” com seu trabalho de cunho tão “pessimista e resignado”, mas é importante pontuar que não há qualquer inspiração revolucionária em Merleau-Ponty ou na

Escola de Frankfurt – que possuíam sim, uma densa influência do pensamento weberiano, sem considerar, no entanto, salvo exceções como Herbert Marcuse, um certo “marxismo” por parte de seus membros. No caso de Mariátegui, Gramsci e Walter Benjamin, talvez Löwy atribua uma importância muito maior de Weber nas obras destes do que realmente aconteceu – esta informação precisa ser verificada, talvez em produções vindouras. Não há, portanto, uma análise aprofundada da trajetória acadêmica destes últimos autores que lhe permita fazer tal afirmação, a saber, de raízes weberianas tão profundas. Novamente, Meszáros acerta quando aponta tentativas incessantes de cotejar weberianismos em obras de transição (no caso de Lukács) ou em desenvolvimento sem levar em consideração o “todo”, tão mais complexo, de constelações intelectuais que este ou aquele autor se utiliza para estruturar seu pensamento.

Referências Bibliográficas

- BOLDA, Bruna dos Santos; MACHIAVELLI, Marieli. **O Legado de Max Weber 100 anos depois**: Entrevista com o Professor Carlos Eduardo Sell (UFSC). *Blog do Sociólogo*, 2020. [publicado em 15 de junho de 2020]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/06/15/o-legado-max-weber-100-anos-depois-entrevista-com-o-professor-dr-carlos-eduardo-sell-ufsc>. Acesso em: 20 Abr. 2023.
- FERNANDES, Florestan, O que é marxismo-leninismo? In: **Lênin; Coleção Grandes Cientistas Sociais** – org. Florestan Fernandes, São Paulo: Ática, 1978, p. 14-22.
- HOLZ, Hans Heinz; ABENDROTH, Leo Kofler Wolfgang: **Conversazioni con Lukács**. Traduzione dal tedesco di Cesare Pianciola, De Donato editore, Bari. 1968.
- _____. **Conversaciones con Lukács**. Segunda edición en «El Libro de Bolsillo»: 1971 C) Alianza Editorial, S. A., Madrid, 1971.
- _____. **Conversations with Lukács**. Cambridge, MIT, 1975.
- _____. **Conversando com Lukács**, tradução de Giseh Vianna. 1ª Ed. Instituto Lukács, 2014.
- LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe – estudos de dialética marxista**. Publicações Escorpião, Porto, 1974.
- LÖWY, Michael. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano**. Tradução: Mariana Eschalar. – 1ª Ed. São Paulo. Boitempo, 2014.
- GORENDER, Jacob. Apresentação. In: MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**: Livro 1: O processo de produção do Capital. Tradução de Rubens Enderle. – 2 ed. – São Paulo. Boitempo, 2017.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma obra de transição**. Tradução: Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. – 1 ed. Revista – São Paulo. Boitempo, 2011.
- _____. **Filosofia, ideologia e ciência social**. Tradução de Ester Vaisman. São Paulo. Boitempo, 2008.

MUSSE, R. **Antes de História e consciência de classe**. Revista Estudos Avançados 27 (78), 2013, p. 291-300. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000200019>.

_____. **Reificação em História e consciência de classe: de Max Weber a Karl Marx**. Blog da Boitempo. São Paulo, 22 de maio 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/05/22/reificacao-em-historia-e-consciencia-de-classe-de-max-weber-a-karl-marx/#:~:text=4330%20da%20terceiriza%C3%A7%C3%A3o-,Reifica%C3%A7%C3%A3o%20em%20Hist%C3%B3ria%20e%20consci%C3%Aancia%20de%20classe,Max%20Weber%20a%20Karl%20Marx&text=Por%20Ricardo%20Musse.,sua%20%E2%80%9Cconsci%C3%Aancia%20de%20classe%E2%80%9D>. Acesso em: 20 Abr. 2023.

_____. **Racionalismo e reificação em História e consciência de classe**. Revista Tempo Social, [S. l.], v.30, n.3, p. 5-24, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/145907>.

PAÇO-CUNHA, Elcemir. **(Auto)Crítica do marxismo weberiano: de Lukács à Meszáros**. Verinotio revista on-line. – n.13, Ano VII, abr./2011.

TEIXEIRA, Mariana Oliveira do Nascimento. **Razão e reificação: um estudo sobre Max Weber em História e consciência de classe, de Georg Lukács / Mariana Oliveira do Nascimento Teixeira**. - - Campinas, SP : [s. n.], 2010.

TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e Ideologia**. 2 Ed. Ática. São Paulo, 1977.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2020

_____. **Escritos políticos**. Tradução: Regis Barbosa, Karen Elsabe Barbosa. – 1ª Ed. – São Paulo; Editora WMF Martins Fontes – 2014 – Clássicos Cambridge.

_____. **Estudos Políticos – Rússia 1905 e 1917**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

_____. **Ciência como vocação**, in: WEBER, **Três tipos de poder e outros escritos**, Tribuna da História, Lisboa, 2005.

_____. **O Socialismo**. In: **Max Weber & Karl Marx**. Org.: GERTZ, René. Editora HUCITEC, 1994.

WOLIN, Richard. **Merleau-Ponty and the Birth of Weberian Marxism**, PRAXIS International, 2, 1985, p. 115-130.